29/04/2019

É hora de falar de Frantz Fanon

Gil Sevalho

[Médico Sanitarista. Doutor em Ciências da Saúde e Pesquisador da Ensp/Fiocruz]

No alvorecer do século XXI, quando prevalecem a desigualdade econômica e a injustiça social, migrações e diásporas colocam em contato populações e culturas diferentes, cuja aproximação, quando se faz, remete ao constrangimento, à desconfiança, à repulsa. Seja por conta deste contexto, onde uma orquestração mundial bem armada e perversa promove o individualismo excludente e o ultraconservadorismo, seja porque ele é um autor quase ausente do campo da Saúde Coletiva, é hora de falar de Frantz Fanon e de seu pensamento humanista libertador.

Fanon nasceu em 1925 na Martinica, ilha caribenha de população majoritariamente negra, sob o domínio colonial francês. Foi educado em escolas de orientação francesa e, desde a infância, sentiu roubadas sua língua, sua cultura, suas relações com a ilha. Lutou no exército francês contra o nazismo e, como reconhecimento, pode cursar psiquiatria forense em Lyon. Concluiu o curso em 1951, complementando-o com uma residência médica em psiquiatria, interrompida para assumir a direção de um hospital na Normandia. Como negro percebeu sua humanidade negada pela violenta dominação colonial européia. "Mamãe, olha esse *negro*, tenho medo", Fanon ouvia da criança branca, como ele relata em "Pele negra, máscaras brancas" (FANON, 2009, p. 113). Livro cujo texto original constituiu seu trabalho de conclusão de curso, que foi impositivamente substituído por uma abordagem fisiológica nos moldes positivistas requeridos para sua formação. Em 1952 casou-se com Marie-Josèphe Dublé, a companheira Josie que selecionaria os textos para a publicação póstuma da antologia "Em defesa da Revolução Africana" (FANON, 1980). Ainda no início da década de 1950 foi para a Argélia, colônia francesa onde a inquietação e a indignação frente ao sofrimento daqueles que atendia o conduziram da resistência ao domínio colonial à integração ativa na Frente Nacional de Libertação (FNL). No final da década de 1950, na recém-libertada Tunísia, dirigiu um centro psiquiátrico e representou oficialmente a FNL da Argélia. Em 1959 publicou "Sociologie d'une revolution: l'an V de La Revolution Algerienne". Foi vítima de dois atentados e no final do ano de 1960 sofreu grave esgotamento físico. Em 1961 concluiu "Os condenados da Terra" (FANON, 1968, p. 113), mas não viu a publicação do livro, morrendo de leucemia poucas semanas antes, em dezembro de 1962, aos 36 anos de idade, quando, a contragosto, se submetia a um tratamento médico em Washington.

Considerações fundamentais de Fanon (2009, p. 42, 44, 45) aparecem já na introdução de "Pele negra, máscaras brancas", quando ele acresce uma "sociogenia" à formulação de Freud sobre a superação de uma filogenia por uma ontogenia que expresse o indivíduo. A sociogênese pensada vem da prática psiquiátrica, da observação da relação da saúde mental com a opressão vivida no contexto da dominação colonial. Em Fanon, a consideração da história daqueles que vivem a relação colonizador/colonizado permitiu localizar a existência do negro, da vítima da opressão, em uma "zona do não-ser, uma região extraordinariamente estéril e árida", onde se instala uma inferioridade resultante de um "duplo processo: econômico, em primeiro lugar", seguido da "interiorização" ou "epidermização desta inferioridade".

É admirável como alguém que morreu tão jovem tenha influenciado tantos pensadores importantes. No estudo da cultura e na resistência crítica e luta contra o colonialismo, o racismo, a xenofobia, o preconceito, Fanon é tema das reflexões de autores como o palestino Edward Said, o sul-africano Steve Biko, o jamaicano Stuart Hall, os indianos Gayatri Chakravorty Spivak e Hommi Bhabha, os norte-americanos Angela Davis, David Harvey, Judith Butler e Immanuel Wallerstein, os porto-riquenhos Ramon Grosfoguel e Nelson Maldonado-Torres, o argentino Walter Mignolo, o egípcio Samir Amin, o camaronês Achille Mbembe, o brasileiro Paulo Freire. O interesse de autores com diferentes perspectivas teóricas sugere a Faustino (2015) a ocorrência de "fanonismos" diversos. Destas concepções enfatizo os pensamentos feministas, pós-coloniais e descoloniais, que, com especificidades e discordâncias cuja descrição foge ao escopo deste texto, apontam criticamente a permanência da dominação colonial no contexto do capitalismo e o eurocentrismo universalizado forjando um mundo construído a partir da modernidade ocidental. Negam-se a história, a cultura, o saber, o ser das populações subordinadas à ordem capitalista mundial e uma consequência direta é o desenvolvimento de uma epistemologia colonizadora.

A reflexão pós-colonial de Bhabha (1998) sobre um hibridismo cultural estabelecido na impossibilidade de alteridade pura entre o Eu e o outro na relação colonizador/colonizado fundamenta-se nas observações de Fanon sobre o desejo de um ser o outro, o aprisionamento na dinâmica de superioridade/inferioridade. Pode ser também relacionado com este apontamento a formulação de Paulo Freire (1978), leitor de Fanon, sobre a "aderência ao opressor", quando o oprimido se identifica com quem o oprime. De um ponto de vista descolonial sobre os conceitos fanonianos de sociogênese e zona do não-ser, Grosfoguel (2009, 2011) situa a luta descolonizadora tanto no nível individual quanto nos processos sociohistóricos e promove um diálogo entre Fanon e Boaventura de Sousa Santos.

É grande o desconhecimento sobre Fanon, mas as possibilidades de contribuições do seu pensamento para o campo da Saúde Coletiva são muitas, com especial potencial crítico para as áreas de Saúde Mental, Determinação Social da Saúde e Educação em Saúde. ■■■

Bibliografia:

■ BHABHA, H. O local da cultura. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

■ FANON, F. Em defesa da Revolução Africana. Lisboa: Livraria Sá da Costa, 1980. Disponível em: https://afrocentricidade.files.wordpress.com/2016/04/em-defesa-da-revoluc3a7c3a3o-africana-frantz-fanon.pdf

■ FANON, F. Piel negra, máscaras blancas. Madri: Akal, 2009.

■ FANON, F. Os condenados da Terra. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968. Disponível em: https://www.kilombagem.net.br/wp-content/uploads/2015/07/Os_condenados_da_Terra-Frantz-Fanon.pdf

■ FAUSTINO, D. M. Por que Fanon? Por que agora?: Frantz Fanon e os fanonismos no Brasil. Tese de Doutoramento apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal de São Carlos, orientada por Valter Roberto Silvério, 2015. Disponível em: https://www.capes.gov.br/images/stories/download/pct/2016/Mencoes-Honrosas/Sociologia-Deivison-Mendes-Faustino.PDF

■ FREIRE, P. Pedagogia do oprimido. Rio de janeiro: Paz e Terra, 1978.

■ GROSFOGUEL, R. Apuntes hacia una metodologia fanoniana para la decolonización de las ciências sociales. Em FANON, F. Piel negra, máscaras blancas. Madri: Akal, p. 261-284, 2009.

■ GROSFOGUEL, R. La descolonización del conocimiento: diálogo crítico entre La visión descolonial de Frantz Fanon y la sociologia descolonial de Boaventura de Sousa Santos. Em Formas-Otras: Saber, nombrar, narrar, hacer. Edicions CIDOB: Barcelona, p.97-108,2011. Disponível em: www.boaventuradesousasantos.pt/media/RAMON%20GROSFOGUEL%20SOBRE%20BOAVENTURA%20Y%20FANON.pdf

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.